

VOZES DE CESÁRIO VERDE NA POESIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA

Valci Vieira dos Santos
UNEB | Faculdade do Sul da Bahia
E-mail: valci@ffassis.edu.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar o diálogo que a poesia do português Cesário Verde estabelece com poetas brasileiros contemporâneos. Trata-se de uma pesquisa que já se destinou a ser desdobrada em várias etapas (sendo esta a segunda), dadas as afinidades e recepções que o projeto literário de Cesário vem alcançando, ao longo de mais de um século, especialmente no contexto da literatura brasileira, confirmando, assim, a qualidade da linhagem da poesia portuguesa. Para esta etapa, trazemos as vozes de Cesário causando ressonâncias nas de Maurício Sallles Vasconcelos e Felipe d'Oliveira.

Palavras-chave: Cesário Verde. Poetas brasileiros contemporâneos. Literatura comparada

Abstract: This paper aims to analyze the dialogue that the poetry of the Portuguese Cesário Verde establishes with contemporary Brazilian poets. This research has been intended to be unfolded in many stages (this being the second), given the affinities and receptions that Cesário's literary project had achieved, over more than a century, especially in the context of Brazilian literature, thus confirming the quality of the lineage of Portuguese poetry. For this stage, we bring the voices of Cesário and its resonances in the of Maurício Sallles Vasconcelos e Felipe d'Oliveira.

Keywords: Cesário Verde. Contemporary Brazilian poets. Comparative literature.

O projeto poético de Cesário Verde já nasceu original, ainda que ele não tenha tido essa noção no início de sua escritura. Ainda muito jovem, com apenas 18 anos, estreia no *Diário de Notícias*, de Lisboa, a 12 de novembro de 1873, com o poema *A Força*, acompanhado de *Num Tripúdio de Corte Religioso* e de *Ó Áridas Messalinas*.

Já no ano seguinte, ou seja, 1874, Cesário publica dois conjuntos de poemas no *Diário da Tarde* e no *Diário de Notícias*. Dentre os publicados, encontrava-se o poema *Esplêndida*, com suas significativas conotações baudelairianas, o qual causou um escândalo nos meios literários. Ora, parece que o universo luso das letras havia se reunido em conspiração à estreia do jovem poeta lisboeta, que, ousadamente, se punha contrário às ideologias dominantes da época, ou até mesmo àquelas que se autodenominavam progressistas, especialmente as que se diziam propugnar por projetos literários sintonizados com os novos tempos. Mas Cesário, mesmo ressentido em face de atitudes e comportamentos equivocados, acompanhados de ignóbeis comentários sobretudo daqueles de quem esperava um sinal positivo, não se deixa abater facilmente, ainda que tenha tentado afastar-se de suas incipientes atividades poéticas. O conflito já instaurado em seu ser, revelador de dois mundos, qual seja o de comerciante (talvez não por vontade própria, uma vez que o pai lhe tolhia os desejos estéticos) e o de uma irreprimível vocação poética, criativa, parece que lhe deu forças para explodir de vez, ao apresentar aos olhares incrédulos uma nova arte: uma arte literária inovadora, composta também de quadros revoltados, vaticinada pelo apuro em que o poeta lança os seus alexandrinos originais e exatos.

Assim, o poeta Cesário Verde e a sua arte literária passaram a romper barreiras e ganhar espaços. Ainda em vida, Verde tem seus dados biográficos publicados no *Dicionário Bibliográfico Português*, de Brito Aranha, no ano de 1885, vol. XIII. Consoante informação de Fátima Rodrigues, em sua obra “Cesário Verde: recepção oitocentista e poética”, o autor do aludido dicionário

consagra ao poeta um verbete de 16 linhas, com dados biográficos, referência aos periódicos onde publicou e uma breve apreciação (“cultiva com esmero a poesia e as suas composições revelam um talento vigoroso e ori-

ginal”), destacando os títulos ‘Ao Diário Ilustrado’, ‘O Sentimento dum Ocidental’, ‘Um bairro moderno’ e ‘Nós’”. (RODRIGUES, 1998, p. 97).

No âmbito das referências a Cesário em obras de estudos literários, sua *poiesis* literária se faz sentir nos mais diferentes autores, das mais diferentes nacionalidades. Na literatura portuguesa, a galeria de nomes que homenageiam o poeta lisboeta se amplia, nela figurando autores que corroboram o epigonismo cesárico, a exemplo de Agostinho Campos, com o seu “Pela manhã”, que estabelece diálogo com “Num bairro moderno”; Xavier de Carvalho, em “O cais – versos dum incoerente”, busca uma estreita aproximação com “O Sentimento dum Ocidental”; e Fausto Guedes Teixeira, para ficarmos com alguns nomes, com o poema “Campos Fora”, cujo intertexto com “Cantos da Tristeza”, “Noite Fechada” e “De Verão” é flagrante.

O certo é que, apesar das forças contrárias lançadas sobre aquela que viria a ser, incontestavelmente, uma das vozes mais importantes da poesia portuguesa, o projeto literário de Cesário Verde só ganhou musculatura. Esta, por sua vez, passou a ser vista e concebida por uma miríade de poetas mundo afora, inclusive em terras brasileiras.

O universo de poetas brasileiros, que demonstram possuir afinidades, relações e diálogos com a poesia de Verde, só cresce diante da admiração manifestada pela força de seus versos expressivos, carregados de vitalidade poética, além do acesso a uma fortuna crítica cada vez mais enriquecida pelos múltiplos olhares sobre a obra do Poeta.

Esses olhares sobre o seu projeto literário já foram, inicialmente, apontados por nós em trabalho que leva o mesmo título, apresentado durante o II Colóquio Internacional de Poesia Portuguesa Moderna e Contemporânea, realizado nos dias 19 e 20 de abril de 2018, na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, e no dia 29 de maio, no Instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense. O referido trabalho foi publicado na Revista *Tamanha Poesia*, volume 4, número 7, de jan.-jun./2019, do Centro de Estudos Portugueses da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. Nosso objetivo, pois, é dar continuidade à pesquisa dessas relações luso-brasileiras, já iniciada com os poetas Waly Salomão (1943-2003) e João Cabral de Melo Neto (1920-1999). Para esta segunda etapa da pesquisa, as vozes de Cesá-

rio Verde causam ressonâncias nas de Maurício Salles Vasconcelos e de Felipe d'Oliveira.

Assim, junta-se, a partir de agora, à corrente epigônica que tem Cesário Verde como grande homenageado, a figura do poeta carioca, Maurício Salles Vasconcelos (1956).

A importância de Cesário Verde na formação poética de Vasconcelos nos é dada a conhecer, cabalmente, quando nos deparamos com a sua obra “Ocidentes dum sentimental”, publicada pela Editora Orobó.

“Ocidentes dum sentimental” atravessa o poema de Cesário “O Sentimento dum Ocidental”, recriando versos e apresentando temas e motivos que dialogam com a obra inspiradora. Possui a mesma estrutura da obra verdiana, ou seja, a divisão do texto literário em quatro partes: I. Ave-Marias; II. Noite Fechada; III. Ao Gás; e IV. Horas Mortas. Entre quase todas elas, é possível visualizar fotografias que denotam, também, o caráter imagético da obra. As fotografias, contendo algumas cenas urbanas, nem sempre tão perceptíveis, aguçam a curiosidade do leitor, em busca de um diálogo com o texto literário. Passa-lhe, à cabeça, o diálogo entre literatura e fotografia, presente numa obra com ares de pós-modernidade, em que a vertente híbrida se torna a tônica. Em algumas delas, observamos a presença de passantes, observadores de cenas do cotidiano.

Chama a atenção, outrossim, o fato de a obra trazer, em seu interior, encartes onde se acha impresso o poema de Cesário Verde. A intenção do autor ao colocá-los dentro da obra ficará por conta da imaginação do leitor, o qual, sem dúvida, poderá considerá-los úteis para a leitura de cariz comparativo.

Na primeira parte, “Ave-Marias”, do poema de Vasconcelos, o intertexto com o poema cesárico se faz presente, desde na concepção dos temas e motivos, dos tipos sociais que deambulam pela cidade, a qual não é evidenciada, e por isso mesmo pode ser qualquer cidade que possa pairar na mente do leitor: o Rio de Janeiro, terra natal do poeta; a Belo Horizonte, onde ele se acha atualmente radicado (ou pelo menos se achava); ou “Madrid, Paris, Berlim, S. Petersburgo ou São Petersburgo, o mundo!”; ou até mesmo a Lisboa de Cesário Verde. O que não faltam, também, são palavras e expressões que nos remetem, sem demora, ao texto verdiano: “céu monótono”, “Em

qualquer Europa, qualquer arremedo de São Pittisburgo”, “Fagulham homens aos montes, desfiladeiros”, “Crônicas navais”, além de uma flagrante interlocução com o verso do poema de Cesário, quando se refere à luta de Camões para salvar o seu livro a nado, o qual é reconstruído por Vasconcelos, que adiciona a ele uma significativa pitada crítica e irônica: “Crônicas navais são menores que qualquer gibi / Ao mar, salvo pelas mãos de um guri, zero em português.”

Não faltam, além de tudo, aos versos que compõem a primeira parte do poema, alusões a lugares, pessoas, cenas da vida humana que dão cor a cidade, ainda que muitas vezes em sua tonalidade cinzenta, no que se aproxima dos quadros pintados por Cesário Verde a partir de sua experiência com a realidade exterior.

Na segunda parte, intitulada “Noite Fechada”, o poeta carioca continua a desferir o seu veneno irônico, ao descrever uma cidade cada vez mais perdida em meio ao turbilhão de contradições, conflitos e contrastes, ensejadores do caos social, pintado com as tintas da miséria humana, da dor e do sofrimento dos mais vulneráveis e invisíveis.

Já na terceira parte, “Ao Gás”, o seu início guarda similitude com a mesma parte do poema de Cesário Verde. O passante sai pelas ruas da cidade, no seu empreendimento deambulatório, acompanhando de *per si* as cenas que se multiplicam, anunciadoras e denunciadoras de homens mortos-vivos que são, em verdade, peso-morto para a sociedade que os trata com indiferença, feitos “Imagem Avesa”, “Vida-Sem-Lavra”.

Por fim, na quarta e última parte, denominada “Horas Mortas”, o passante, já sem ar nos pulmões, segue em direção a sua casa, onde, nem mesmo, tem certeza de encontrar guarida, pois com ela não se identifica, já que nela não consegue ter o sono que pode alimentá-lo, e se considera um “nada”, um exilado dentro de seu próprio espaço. Recusa-se, portanto, a voltar para o seu quarto estreito, de onde se pode ouvir o ruído do mundo. Prefere perder o rumo, o prumo, estar em vários lugares. Luta com todas as forças contra o aprisionamento das horas mortas que só fazem aumentar a Dor Humana.

Assim, tal qual o poeta-passante de “O Sentimento dum Ocidental”, que percorre as ruas de Lisboa e se depara com uma miríade de quadros revoltados, o passante de “Ocidentes dum sentimental” se vê envolvido numa teia de fios que o aprisiona e lhe exhibe a dura

realidade de cenas do cotidiano citadino.

Para fechar esta segunda etapa da corrente epigônica, agora já reconhecidamente cesária, construída a partir de mãos que se estendem, que se entrelaçam, figura o nome do poeta Felipe Daudt de Oliveira (1891-1933), ou Felipe d'Oliveira.

Felipe d'Oliveira nasceu em Santa Maria, Rio Grande do Sul. Foi poeta, escritor, jornalista, empresário e esportista. Colaborou com vários periódicos, entre os quais, *a Gazeta de Notícias*, o jornal *Correio do Povo* e a *Revista Fon-Fon*.

Foi autor das obras poéticas “Vida extinta (1911) e “Lanterna verde” (1927). Teve as obras “Alguns Poemas” (1937) e em prosa “Livro Póstumo” (1938) publicados, no Brasil, postumamente, já que faleceu na cidade de Paris, em 1933, vítima de acidente automobilístico.

D'Oliveira sofreu influência da poesia de Cruz e Sousa, Cesário Verde, Baudelaire, Marcelo Gama, dentre outros. Cesário Verde, ao que parece, foi uma de suas influências mais evidentes. Em seu poema “Desafinamentos”, é manifesto, flagrantemente, o humor ácido do poeta português, especialmente em “Contrariedades”. Neste, já no primeiro verso, é possível sentir a temperatura desse humor: “Eu hoje estou cruel, frenético, exigente;” (*Ibidem*, p. 108), humor este revelado também na crise existência do eu poético constante de “Desafinamentos”: “Eu hoje estou com as crises de Cesário...” (D'OLIVEIRA, 1911, s.p.).

No poema de Verde, há um pacto entre o poeta e a engomadeira tísica, uma vez que fazem parte do mesmo plano existencial, sendo, ainda, atravessado, reiteradamente, por palavras e expressões que denotam o estado de espírito do poeta: “Nem posso tolerar” (v. 2), “desesperos mudos” (v. 5), “Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes;” (v. 10), “Pobre esqueleto branco entre as nevasdas roupas!” (v. 13), “A adulação repugna aos sentimentos finos;” (v. 25), ainda que a fúria de seu mau humor seja um pouco aplacada com a sua decisão de concluir os trabalhos sem azedume: “Perfeitamente. Vou findar sem azedume” (v. 37), “E estou melhor; passou-me a cólera” (v. 45), já no poema de Felipe d'Oliveira, ao contrário do incisivo mau humor presente no de Cesário Verde, logo nas primeiras quadras, o eu lírico de “Desafinadamente” deixa claro qual é o seu desejo: “O meu temperamento tumultuário / É um desconchavo doido de ais e gritos. // Vou para o sol e os

meus reflexos ruivos, / da flavesçência acesa dos trigais, / tangem meus nervos desandando, aos uivos / em desafinamentos sensoriais. // Quero coisas alegres e a alegria / me embriaga como as esterizações...” Nas quadras seguintes, o desejo de manter o bom humor parece querer ser a tônica: “Por isso, desde que tu vieste, e insistes / numas carícias que me fazem mal, / rogo que percas os teus ares tristes / e que desculpes o meu tom brutal [...]” (*Ibidem*, s. p.).

Outro aspecto a se destacar entre os dois poemas, e que guarda diferenças entre si, diz respeito à questão espacial. Enquanto há no poema de Cesário uma preocupação social que dá movimento à escrita: “Sentei-me à secretária. Ali defronte mora / Uma infeliz, sem peito, os dois pulmões doentes; / Sofre de faltas de ar, morreram-lhe os parentes / E engoma para fora” (*Ibidem*, p. 105), no de Felipe d’Oliveira, a crise não é remetida ao espaço social que o indivíduo ocupa. Trata-se de uma crise interna: “Eu hoje estou com as crises de Cesário...”. Os espaços geográficos são colocados de lado, a fim de se privilegiar o espaço de um sujeito que é capaz de abafar ímpetos bruscos e esquisitos, que, com o seu temperamento tumultuário, provoca desafinamentos sensoriais, obstaculizando a visão que deseja ver o que se passa lá fora.

Em última análise, ainda que o texto de Felipe d’Oliveira não possua a força estética e semântica de “Contrariedades”, detentor de uma narrativa expressiva que quer dá conta de expulsar “sentimentos finos” que causam ao poeta repugnância, contribui, sem dúvida, para colocar o texto cesário em circulação, que se acha atravessado por uma nova dicção.

A exemplo de Waly Salomão, João Cabral de Melo Neto e de Maurício Salles Vasconcelos, Felipe d’Oliveira é enunciado pelo poeta português, cujas tradição e força de sua poética devam ser revisitados. Revisitar e homenagear escritores e poetas é uma atitude que mantém acesa a chama e o vigor de projetos literários que poderão sempre contribuir para novas escrituras, sem perder de vista a tradição literária. Por outro lado, o universo poético-crítico de autores como Cesário Verde alimenta a tradição literária de outras instâncias, a exemplo da literatura brasileira.

Ao considerar, pois, essas proposições, minhas reflexões giraram em torno da importância de se evidenciar a pluralidade como

traço discursivo a entoar frutíferas relações entre o poeta-pintor português e os poetas brasileiros, aqui, elencados. Desse modo, o pincel cesário, pelo visto, saiu a colorir tantas outras telas, mundo à fora, inclusive no Brasil, ensejando a configuração de uma arqueologia poética pulsante e incessante, capaz de assegurar a continuidade no tempo e no espaço de uma tradição literária que se quer dinâmica e inovadora.

Referências

- BRUNEL, P., PICHOS, Cl., ROUSSEAU, A. M. *Que é literatura comparada?* São Paulo: Editora Perspectiva, 1995.
- COUTINHO, Eduardo F., CARVALHAL, Tania Franco (Orgs.). *Literatura comparada: textos fundadores*. 2. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- D'OLIVEIRA, Felipe. "Desafinadamente". *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1955.
- FIGUEIREDO, João Pinto de. *Cesário Verde*. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Razão do poema: ensaios de crítica e de estética*. 3. ed. São Paulo: Realizações Editora, 2013.
- PEDROSA, Celia, ALVES, Ida (Orgs.). *Subjetividades em devir: estudos de poesia moderna e contemporânea*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.
- PERRONE-MOISÉS, Leyla. *Mutações da literatura no século XXI*. São Paulo: Cia das Letras, 2016.
- RODRIGUES, Fátima. *Cesário Verde: recepção oitocentista e poética*. Lisboa: Edições Cosmos, 1998.
- SERRÃO, Joel. *Cesário Verde: obra completa*. Lisboa: Livros Horizonte, LDA., 1999.
- VASCONCELOS, Maurício Salles. *Ocidentes dum sentimental*. Belo Horizonte: Orobó Edições, 1998.
- VERDE, Cesário. *O livro de Cesário Verde*. Introdução por Maria Ema Tarracha Ferreira. Lisboa: Editora Ulisseia, 1999.
- VERDE, Cesário. *Obra completa de Cesário Verde*. Org. e pref. e notas de Joel Serrão. Lisboa: Livros Horizonte, 1999.